

O judeu da Babilônia

ISAAC BASHEVIS*

Tradução de JACÓ GUINSBURG

A noite toda viajou sozinho o judeu da Babilônia, como o chamavam, num carro que ia de Lublin a Bilgorei. O cocheiro, um pequeno judeu de costas largas, calçando um par de botas altas, caminhava calado e sonolento, junto ao carro, balouçando a cabeça no mesmo ritmo que o cavalo magro e velho, que caminhava passo a passo, parando constantemente.

O cavalo costumava erguer inesperadamente as orelhas, retorcendo-as como para escutar algum ruído que só criaturas vivas são capazes de ouvir. Olhava para trás com as suas pupilas grandes e sem cílios. Seus olhos eram repletos de sagacidade e tinham o brilho esbatido de um luar. Parecia olhar, reconhecer, surpreendido, o singular passageiro, vestido de casaco de pele, com um fez amarrotado na cabeça. Chegava mesmo a levantar o beijo superior, negro e grosso, mostrando os raros e longos dentes, como num sorriso cavalaresco... O judeu da Babilônia agitou-se, começou a tossir e rogou uma praga. O cocheiro despertou, lembrou-se do passageiro que ia levando e sacudiu-se, como para se livrar de uma visão maligna. Limpou a testa estreita com a manga do sobretudo de algodão. Olhou para a direita e para a esquerda, espreitando o caminho mergulhado no nevoeiro. Subitamente, começou a agitar o chicote, gritando com voz rouca e raivosa:

– Vamos, ruão, vamos!

Nos campos cegados, montes de feno desenhavam seus contornos claros. Um grande moinho de vento, erecto como uma forca, surgia a cada instante num ângulo diferente. Desaparecia, e subitamente surgia do outro lado, como se emergisse do chão. Com suas asas distendidas como braços, era como se quisesse advertir que o caminho estava impedido... De algum lugar veio o pio de uma coruja. Do céu, desprendeu-se uma estrela, deu uma corrida, como por sua própria conta, deixando atrás de si um rastro luminoso. O judeu da Babilônia lançou um olhar para a sua sacola de couro, embrulhou-se ainda mais no xale de lã e suspirou:

– Ai, minha mãe... Até quando? Já não tenho mais forças para suportá-los!...

O judeu da Babilônia referia-se àquela raça infernal dos *scheidim*, contra os quais sustentara guerra durante a vida toda, procurando afugentá-los com amuletos e exorcismos. Mas os demônios começaram agora a se vingar dele...

Há uns trinta anos atrás ele surgira na Polônia. Alto, magro, trajando uma roupa de listas amarelas e brancas, calçando sandálias que mais pareciam sapatos de *halitzá*, com uma faixa branca na cintura. Cognominava-se o conselheiro da fortuna, falava aramaico e hebraico e dizia ter vindo da Babilônia, onde estudara a *Cabalá* com um venerável ancião. Curava epiléticos e loucos, esconjurava os maus espíritos e a melancolia. Num espelho negro mostrava vultos de parentes falecidos e transferia para os galos as doenças da gente... Apesar de sua conduta piedosa, embora fosse aos banhos rituais e observasse os dias de jejum, os *Rabinos* e *Tzadikim* escreviam dizendo que ele tinha parte com Satã, praticava a magia negra e invocava o demônio. Por isso proibiam todo contato com ele. Dizia-se que ele era adepto de falsos deuses e saía todas as sextas-feiras para aguardar, nos campos, o pseudo-Messias... Outros diziam que o conselheiro da fortuna convivia com os maus espíritos, deitava-se com a mulher deles e tinha filhos com ela... Nas aldeias onde ele chegava, escondiam-se as mulheres grávidas. As mulheres vestiam dois aventais. Ninguém deixava sozinhas as crianças que estudavam na *heder*. Agora o conselheiro da fortuna já tinha setenta anos. Falava o *ídiche* e vivia solitário numa rua perdida num dos arrabaldes de Lublin. Não o deixavam entrar em nenhuma *Beit ha-midrash*. Os inquilinos judeus mudaram-se aos poucos da casa em que ele morava. Tinham pavor de olhá-lo. Seu rosto alongado era vermelho, cor de tijolo, e parecia descascado. O nariz, torto e em ponta. A barba rala, acumulada num lado só, co-

Este conto foi extraído do livro *Jóias do Conto Ídiche*, Jacó Guinsburg e Sime Rinski, São Paulo, Editora Rampa, 1949, pp. 313-24.

* Na época em que escreveu este relato, o autor ainda não adotara a assinatura de Isaac Bashevis-Singer.



mo se a agitasse um vento constante. O olho direito, sempre fechado, como que colado. O esquerdo, singularmente grande, esbugalhado e turvo, olhava sempre de esguelha, como que imobilizado de terror. Suas mãos tremiam. Sua cabeça balouçava constantemente para os lados, como querendo dizer “não”...

E agora, na silenciosa noite de *Elul*, o judeu encolhia-se, envolvendo-se melhor, procurando reduzir a sombra comprida e delgada que corria atrás do carro.

– Não se tem sossego!... É um mártirio!...

Não foi à toa que os *Tzadikim* o preveniram, há anos, que estava brincando com fogo. E que os demônios, finalmente, ajustariam contas com ele. *Sefardi*, filho de um coletor de esmolas, o conselheiro da fortuna percorrera o mundo inteiro. Conhecia a Pérsia e o Iêmen, o Egito e Marrocos, vivera em Bagdá e Bucara e falava muitos idiomas. Por toda parte onde estivera, distribuía amuletos para afugentar Satã e *Lilit* e curara aleijados. Conduziam-lhe noivos impotentes, mulheres com soluços malignos e partos laboriosos, crianças que repentinamente perdiam a fala. Na sua sacola misturavam-se dentes de lobo e assafétida, uma caixinha com pedras de incenso e anéis de cabelo, um frasco com cinzas e um gato incinerado e o crânio de um defunto. Casara-se várias vezes, no curso de suas viagens. Mas as mulheres, com medo dele, arrastavam-no ao Rabino, para se divorciarem. E ele as repudiava. O conselheiro da fortuna tinha dinheiro amealhado. Levava, pendurado sobre o coração, um saquinho de pérolas. Esperava que lhe permitiriam penitenciar-se, quando velho. Então haveria de ir a *Eretz Israel*, libertando-se definitivamente dos demônios. Mas exatamente agora, quando perdera todas as forças, é que os espíritos malignos começaram a se apoderar dele. Há alguns anos não dormia nem um pouco. Sombras negras com pés de ganso dançavam, à noite, nas paredes de seu quarto. Tocavam pequenos violinos e riam à toa. Todas as vezes que começava a cochilar, puxavam-no pelos calcanhares. Frequentemente arrebatavam-no. Sentia as suas mãos deslizarem sobre o peito. Outras vezes, escarneciam dele. Arrastavam de um lado para outro tudo o que havia na casa. Punham a lâmpada no chão, tamborilavam nas vidraças, assobiavam-lhe aos ouvidos. Mulheres nuas, com longas tranças, andavam descalças sobre o assoalho, riam cinicamente, mostrando os dentes. Outras vezes, envolviam-no com os seus cabelos, como para asfixiá-lo. Discutiam tanto com ele, até prostrá-lo, desfalecido.

– Conselheiro, diziam, não terás salvação... Rende-te, e serás um dos nossos!...

O conselheiro da fortuna sabia que legiões de malfeitores aguardavam o momento de sua morte, para se apoderar de sua alma pecadora e reduzi-la a pedacinhos. Todas as vezes que ele olhava para as *mezuzot*, encontrava nelas um defeito. Os rolos tinham sido roídos pelos ratos e traças. Certa vez, abrindo as caixas de seus *filactérios*, encontrou apenas uns pedaços apodrecidos de pergaminho... Os quartos em que ele morava eram grandes, baixos, quase vazios. Um deles, cujos postigos davam para as ruínas de uma igreja, era constantemente escuro como uma adega. Pesados baús, onde guardava o seu dinheiro, jóias e objetos preciosos, eram pregados ao assoalho, recobertos de pele, cinturados com aros de cobre. Nenhuma empregada judia permanecia com ele. A velha camponesa surda, que tomava conta da casa, dependurava pelas paredes da cozinha imagens e crucifixos. Criava um mundo de animaizinhos e um velho cão felpudo. Como era impura a comida da camponesa, o conselheiro da fortuna cozinhava a sua própria comida num fogão a lenha. Ultimamente os maus espíritos derrubaram tanto sal na sua comida, que ele não conseguia prová-la. O cão da empregada ladrava-lhe constantemente, procurando mordê-lo. E os marsufnos não lhe davam sossego. Quando se deitava, para cochilar um pouco, eles lhe subiam à cama e arranhavam-lhe o rosto.

Inúmeras vezes o conselheiro da fortuna decidira viver apenas com o que possuía, deixando de errar pelas aldeias longínquas e distantes. Apesar disso, toda vez que o chamavam para acudir a algum enfermo ou demente, vestia o casaco curto, forrado de algodão, e punha-se a caminho.

– O que fazer? murmurava ele, com os seus botões. Haja o que houver, estou perdido neste mundo e no outro... Deixem-me salvar ao menos mais esta criatura!...

E ei-lo a caminho de Bilgorei, a chamado de um ricoço de lá, Reb Falk Hafeitz, cuja casa grande e nova, sem que se soubesse por que, começara a cair de podre. No assoalho, brotaram cogumelos absurdos. E nas paredes, surgiram grandes manchas amarelas, como chagas. O conselheiro da fortuna, com a cabeça inclinada de cansaço, a boca desdentada fortemente cerrada, respirava ruidosamente, assobiando fino. No oriente, fulguravam nuvens de linho. Pelos campos, rolavam densas ondas de névoa, dando ao viajante a impressão de um mar revolto... Sobre a camisa do cocheiro pendia um amuleto, que o Rabi de Bilgorei lhe dera, como talismã. O mesmo Rabi lhe recomendara que não trocasse uma palavra, nem um olhar, sequer, com aquele indivíduo. A gola de pele do

seu sobretudo estava levantada. Caminhava a pé o tempo todo. Recusava-se a sentar-se na boléia do carro. Só quando o cavalo se agitava, levantando as patas traseiras e relinchando, é que o cocheiro subia no carro. Então, sacudindo todos os sonhos malignos, brandia vigorosamente o chicote:

– Vamos, ruão! gritava ele. Eia! Não é de tua conta!

O judeu da Babilônia passou o dia na casa de Reb Falk Hafeitz, praticando exorcismos. Pendurou por todos os cantos pequenos sacos de linho contendo amuletos. Murmurava incessantemente palavras de encantamento com os lábios arroxeados, olhava constantemente para os lados, como que à procura de algum espírito invisível, escondido. Empunhando uma vela, o judeu remexia as adegas, errava pelos sótãos escuros, queimava teias de aranha, chamuscava tenros ventres nus de aracnídeos enormes. Ofuscadas, as aranhas escorregavam pelos fios partidos de suas teias. O judeu enviou dois garotos em busca de um gato preto. Amarraram o gato, jogaram-no dentro de uma tina de lavar roupa, amontoaram lenha sobre o animal, borrifaram-lhe petróleo e atearam fogo. Em seguida os garotos fugiram, sem se atreverem a olhar para trás. Do interior da tina ouviu-se um grito humano, sufocado. A pesada tina agitou-se, como se fosse arremessar-se no espaço... Fez-se ouvir um gemido feminino, acompanhado de maldições... Irrompeu da tina uma fumaça gordurosa, negra como uma trança... No olho arregalado do judeu da Babilônia uma chama fulgurou. Suas mãos e seus pés agitaram-se. Um ataque de apoplexia o contorceu e uma baba espumou nos seus lábios. Inclinou-se, apoiando-se no seu bordão, para não cair. O gato carbonizado dobrara de tamanho. A cauda queimada apontava para o alto. A cabeça pequena e as patas dianteiras, encolhidas no fundo da tina, ensaiavam o derradeiro salto. Entre as longas presas pendia a língua incinerada. O conselheiro da fortuna ajoelhou-se, ofegante, respirando com dificuldade, como após uma rixa ferrenha, e pronunciou apressadamente o exorcismo em aramaico:

*Uma flecha nos olhos da besta feroz...
Apareça Ormuz, filho de Ormuz...*

A chegada do conselheiro da fortuna deveria permanecer em segredo na cidade. Assim combinara ele com o burguês Falk Hafeitz. Apesar disso, uma multidão começou a se reunir em frente da casa. Trouxeram aleijados, dementes e paráliticos. Um pai conduzia um filho epilético, com os olhos transtornados. Das aldeias vizinhas, as mulheres trouxeram crianças deformadas e monstregos. O conselheiro da fortuna solicitava encarecidamente à multidão que dispersasse. Argumentava, dizendo que não possuía mais forças. Mas o povo aumentava cada vez mais. Batiam-lhe na porta e gritavam. O conselheiro da fortuna, abrindo a janela de um andar superior, pôs a cabeça para fora, e implorou:

– Judeus, tenham pena de mim! Deixem-me em paz!...

Entretanto, recebeu doentes até o anoitecer. O conselheiro da fortuna já estava para encerrar as suas consultas, quando veio o bedel da sinagoga com uma missão. O Rabino mandara chamar por ele. Na sala de julgamento, para onde se dirigiu o judeu da Babilônia, as janelas já estavam fechadas. Havia aumentado a chama da lâmpada. O velho Rabi desdenhoso, que há muitos anos ouvira falar no velho feiticeiro e nas suas artes, ali estava, com o seu sobretudo comprido e largo, com o gorro de pele na cabeça, uma ampla faixa na cintura. A estante de livros aberta, como que em guarda. O Rabi encarou firmemente o judeu da Babilônia, mediu-o com desprezo, dos pés à cabeça, e perguntou:

– És tu, então, o conselheiro da fortuna?

– Sim. Sou eu, Rabi.

– Homem, não tens a aparência de quem tem muita fortuna! disse o Rabi, quase gritando. Não penses que o mundo dorme... És o conselheiro dos mortos... Um feiticeiro!..

– Não, Rabi.

– Não o negues, gritou o Rabino, batendo com os pés. Dedicás-te à feitiçaria!... O que fazes é imperdoável!...

– Bem o sei.

– Lembra-te de que te hás de arrepender! exclamou o Rabino, agarrando o cachimbo, como que para atirá-lo sobre a cabeça do conselheiro da fortuna. Hás de errar, desolado, durante um século, e não te deixarão entrar no inferno! Velho obstinado!...

O judeu da Babilônia estremeceu. Quis responder, retorcendo a boca desdentada. O conselheiro da fortuna quis dizer que uma pessoa erudita pode pecar por motivo de for-

GLOSSÁRIO

Beit ha-midrash: casa de estudo. Denominação dada ao local em que os judeus se dedicavam ao estudo dos textos religiosos e à própria sinagoga.

Cabalá: tradição. Designação geral das especulações e das formulações místicas judaicas.

EIul: sexto mês judaico, entre os meses de agosto e setembro.

Eretz Israel: Terra de Israel.

Filactérios (hebr. **Tefilin**): tiras estreitas de pele ou pergaminho, com inscrições de textos da Escritura, que os fiéis enrolam no braço e na cabeça para a proferição e os serviços rituais.

Halitzá: cinto, cinturão. Designação da cerimônia em que a viúva sem filhos tira o sapato ou sandália do cunhado, desobrigando-se do levirato (obrigação de casar com o irmão do marido).

Havdalá: separação; bênção recitada ao término do **shabat** e dias festivos para acentuar a separação entre o sagrado e o cotidiano.

Heder: quarto, câmara. Denominação, no ensino tradicional judaico, da escola de primeiras letras e de iniciação nos livros e na interpretação dos ensinamentos da Torá.

Lilit: rainha dos demônios, diaba da luxúria.

Mezuzat (plural de **Mezuzá**): amuleto que consiste em pequeno rolo com duas passagens do **Deuteronômio** (6:4-9 e 11:13-21) que é fixado no batente do lado direito das portas.

Rabi: meu mestre.

Rabino (hebr. **Rabeinu**): nosso mestre. Como o anterior, forma de tratamento dispensada a mestres e chefes da comunidade judaica. Traduz também o **rav**, o "cabeça" religioso e legal, oficialmente investido da função pela congregação de judeus e ordenado como tal pelo direito talmúdico.

Scheidim (plural): demônios, espíritos do mal.

ça maior. Enfiou a mão no peito, onde conservava algumas cartas amarelecidas de sábios *sefardim* e rabinos *aschkenazim*, testemunhando que ele salvara criaturas humanas. Mas seus dedos recusaram-se a obedecer-lhe. A barba longa e erudita do Rabi agitou-se como se fora um ser vivo. Cerrou os punhos e arremessou-se em direção ao conselheiro da fortuna, bradando:

– Fora de minha casa, pecador! Ser impuro!...

O conselheiro se retirou, andando como que sobre pernas alheias, não as suas. Em volta dele, cochichavam e riam. Quis pôr-se a caminho imediatamente. Mas o cocheiro recusou-se, obstinado. Não sairia à noite com aquele homem, pelas estradas, de forma alguma. E o judeu da Babilônia pernoitou sozinho, na casa vazia, onde passara o dia todo. Levaram-lhe roupa de cama, acenderam-lhe uma vela, que fixaram no peitoril da janela. Dois judeus da irmandade funerária levaram-lhe uma panela de água quente e uma bacia. O conselheiro da fortuna tirou da sacola umas fatias de pão seco. Tentou comer, mas não pôde engolir. Tinha o crânio como que entulhado de areia. Apesar das janelas fechadas, um vento percorria a casa vazia. A chama da vela agitava-se, bruxuleante. Sobre as paredes trêmulas as sombras serpejavam. Sobre o assoalho rastejavam vermes. Tudo tresandava à adega e podridão. O conselheiro da fortuna, sem se despir, estendeu-se sobre o leito. Nos primeiros momentos, cochilou com as pálpebras entreabertas. Pareceu-lhe estar em Bagdá. Uma iemenita morena e graciosa, de joelhos diante dele, tirava-lhe os sapatos e lavava-lhe os pés. Mas logo estremeceu e despertou. A vela se extinguiu. Na escuridão, as paredes como que se afastavam umas das outras. E a casa toda, como um navio, jogava-se de encontro às ondas. Pela vidraça espreitava um rosto barbudo, negro, de cornos, com a boca escancarada. Cães pernaltas corriam pelo assoalho, saudando-se mutuamente com os longos focinhos em ponta, girando como lobos na jaula. Tudo em volta rangia, estalava, como se as paredes estivessem se partindo. O conselheiro da fortuna sentou-se, tentou apoiar-se aos lados, mas debateu-se no vácuo. Abriu a boca para pronunciar alguma palavra. Mas, pela primeira vez na vida, esquecera-se de todos os exorcismos, de todas as invocações. Seu coração parou. Sentiu os pés gelados. Disse de si para si:

– É o fim...

A despeito de tudo, juntando suas últimas forças, conseguiu levantar-se. Encaminhou-se para a porta, tateando como um cego. Errou desorientado pelos corredores estreitos e sinuosos, bateu com a cabeça no portal e sentiu a fronte contundida. A sacola pendurada no seu pescoço afrouxou-se e pareceu-lhe ouvir um ruído de pérolas, rolando pelo chão. Quando conseguiu sair, coberto por um suor frio e com as roupas violentamente rasgadas, a cidade já dormia. A lua corria veloz sob a pele das nuvens. Alongada, canhestra e impura, com um brilho ofuscante de lua nova. Os cães ladraram ao judeu da Babilônia, correram atrás dele com alarido, puxando-o pelas vestes. Quase sem fôlego, o conselheiro da fortuna os afugentou. Com a roupa desabotoada, corria sempre para a frente, ouvindo atrás de si vozes e passos, como se alguém o perseguisse. De ambos os lados da rua as casas desapareceram subitamente dentro da nata branca do luar. Um vento forte açoitou as roupas do judeu. Ao longe, apontaram luzes como as chamas das velas de *havdalá*. Ouviram-se uma música abafada, assobios, tumulto, como se uma multidão se aproximasse cada vez mais. Um vulto indistinto, estranhamente alto, parecia dançar atrás dele, sobre pernas de pau... Exclamavam: O noivo!... O noivo!... O conselheiro da fortuna compreendeu imediatamente que os demônios queriam casá-lo com uma noiva maligna. Deteve-se, e começou a gritar, com voz rouca:

– Demônios! Satã vos despedace!... Socorro!...

O conselheiro quis retroceder, correr, mas sentiu os joelhos paralisados. Subitamente, sem saber como, viu-se em meio de uma multidão amotinada. Mãos longas e fantásticas agarraram-no, puxando de todos os lados. Vultos peludos, macios, como que feitos de teias de aranha, acotovelavam-se em redor dele, como em torno de um mestre de cerimônias. Riam com um riso impuro e contagioso, atirando-se sobre o seu pescoço. A música irrompeu. Acenderam-se as velas de cera e o céu tornou-se rubro como um incêndio. O conselheiro da fortuna fez uma derradeira tentativa para se libertar. Quis dar um passo. Mas a terra estremeceu, balouçando debaixo de seus pés. Estenderam-lhe sobre a cabeça o dossel nupcial e vestiram-no com a branca veste ritual. Uma mulher alta, completamente despida, abraçou-o, apertando-o de encontro aos seios nus. Atirando-se sobre ele, com todo o peso de seu corpo, implorava-lhe:

– Conselheiro da fortuna, não te envergonhes de mim!... Dize-me "sim"... Para sempre... *Mazal Tov*... Boa sorte...

O conselheiro ensurdecido ouviu o ruído das taças quebradas, pés que sapateavam, gargalhadas e gritos. Uma velha, empunhando um grande pão, dançava em sua frente,

dando cambalhotas. Subitamente, a terra fugiu-lhe aos pés. A festa de núpcias transportou-se no ar, flutuando por sobre as cidades iluminadas. Em baixo, as multidões se aglomeravam. Apontavam todos com o dedo aquele espetáculo singular, proferindo palavras de espanto. Palavras estranhas, que ninguém conseguia perceber. Com medo de despenhar-se do alto, o conselheiro da fortuna fechou os olhos e pensou, pela última vez:

– Sou um deles...

Na manhã seguinte, encontraram-no atirado de bruços, num lugar ermo próximo à casa. Tinha a cabeça enterrada na areia, os pés e as mãos distendidos, como se tivesse caído de muito alto.

Sefardi: judeu espanhol ou português e, por extensão, os judeus desta origem.

Tzadikim (plural): **Tzadik**, justo, santo. Rabi hassídico.